



O PROCESSO DO PSICODIAGNÓSTICO E A RELAÇÃO COM OS MODELOS TRADICIONAL E INTERVENTIVO

Maria Vitória Bertolani de Oliveira¹, Helena dos Santos Cortezini², Leandra dos Santos³, Maria Luana Fiorin Campos⁴, Gabrieli da Silva Carvalho⁵, Leonardo Amorim Ribeiro da Silva⁶ e Lincon Fricks Hernandez⁷

¹Discente do Curso de Psicologia da Faculdade América, vitoriabertolani212@gmail.com

²Discente do Curso de Psicologia da Faculdade América, helenacortezini28@gmail.com

³Discente do Curso de Psicologia da Faculdade América, leandradossantos27@gmail.com

⁴Discente do Curso de Psicologia da Faculdade América, luanafiorin01@gmail.com

⁵Discente do Curso de Psicologia da Faculdade América, gabrielicarvalho1701@gmail.com

⁶Discente do Curso de Psicologia da Faculdade América, leozinhosilvaribeiro02@gmail.com

⁷Mestre em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local, coordenador e docente do Curso de Psicologia da Faculdade América; psicologia@faculdadeamerica.br

Palavras-chave: psicodiagnóstico; avaliação psicológica; tradicional; interventivo.

Introdução

De acordo com a autora Jurema Alcides Cunha, o Psicodiagnóstico é um processo científico, que utiliza de técnicas psicológicas, sendo uma avaliação psicológica, que visa identificar, com base em hipóteses levantadas, a existência ou não de alguma psicopatologia, com foco no tratamento. Derivado da psicologia clínica, em 1896, Lighter Witmer introduz o psicodiagnóstico baseando-se nos conceitos médico e acadêmico. Assim, o psicodiagnóstico nasce, no final do século XIX e começo do século XX, com os trabalhos de Galton, que introduziu o estudo das diferenças individuais, de Cattell, a quem se devem as primeiras provas, designadas como testes mentais, e de Binet, que propôs a utilização do exame psicológico (por meio de medidas intelectuais) como coadjuvante da avaliação pedagógica (p. 23, 2007).

O psicodiagnóstico é um instrumento da psicologia, portanto, se mostra necessário que os estudantes da área se interessem em estudá-lo de modo



aprofundado, aperfeiçoando, assim, a formação profissional. Além disso, o psicodiagnóstico é uma prática que traz diversos benefícios para as pessoas, visto que estabelece estratégias de tratamento para diversos transtornos psicológicos, sendo bastante relevante socialmente. Bem como, o presente artigo também contribui para que haja mais estudos científicos voltados para o referido tema.

Desse modo, o presente trabalho possui o objetivo de apresentar o que é Psicodiagnóstico, a diferença entre ele e a Avaliação Psicológica, bem como, as principais semelhanças e discordâncias entre o Psicodiagnóstico Tradicional e o Interventivo.

Metodologia

A metodologia científica deu-se por meio de pesquisas bibliográficas realizadas no Google Acadêmico, tendo como principal fonte de informações a Artmed, além de artigos científicos publicados por outros estudiosos.

Resultados e discussão

Segundo Rigoni e Sá (2016), a avaliação psicológica é entendida como um processo que permite descrever e compreender a pessoa em suas diferentes características, investigando tanto aspectos da personalidade quanto aspectos cognitivos, abordando possíveis sintomas, questões do desenvolvimento, questões neuropsicológicas, características adaptativas e desadaptativas, entre outros. Permitindo, assim, que se chegue a um prognóstico e à melhor estratégia e/ou à abordagem terapêutica necessária. Dessa forma, a avaliação psicológica é um processo que visa identificar o estado mental atual do sujeito, com alguma finalidade, por isso, a avaliação psicológica nem sempre trará benefícios para quem a realiza.

Enquanto o psicodiagnóstico é um termo que designa um tipo de avaliação psicológica com propósitos clínicos, em que pode ser utilizado testes e outras estratégias, com o intuito de avaliar o sujeito de forma sistemática, científica, orientada para a resolução de problemas. Bem como, o psicodiagnóstico também pode ter diversos objetivos, entretanto, não abrange todas as formas de avaliação psicológica. Com isso, pode-se dizer que o psicodiagnóstico sempre procura



beneficiar o avaliando, pois levanta hipóteses diagnósticas visando o melhor tratamento para o indivíduo (CUNHA, 2007).

Conforme elaborado por Cunha (2007), os passos do psicodiagnóstico começam com a **formulação das perguntas básicas ou hipóteses**, que são perguntas específicas feitas durante o processo de avaliação com o objetivo de levantar hipóteses sobre o caso clínico.

A segunda etapa é o **contrato de trabalho**, que consiste em estabelecer regras com o paciente em relação ao local, horário e frequência dos encontros, bem como, os honorários cobrados, é também um momento para esclarecer dúvidas e informar sobre o processo de tratamento (CUNHA, 2007).

A terceira parte é o **estabelecimento de um plano de avaliação**, em que se procura identificar recursos que podem estabelecer uma relação entre as perguntas iniciais e suas possíveis respostas. Então, se traduz as perguntas em termos de técnicas e testes, assim, os dados coletados são analisados e confirmam ou eliminam as hipóteses. Contudo, nem toda hipótese levantada deve ser, necessariamente, testada. Por isso é importante traçar um plano de avaliação, com entrevistas, testes e observação, bem como, testar as hipóteses com diferentes instrumentos (CUNHA, 2007).

A etapa seguinte é a **administração da bateria de avaliação**, que consiste em administrar o conjunto de testes e técnicas empregadas, com foco na avaliação total do sujeito e não somente na interpretação dos testes psicológicos. Cabe ao terapeuta saber quais instrumentos são adequados para uso, seja uma entrevista ou teste, assim como, saber manejar o material pertinente, instruções e o sistema de escore (CUNHA, 2007).

A outra parte é o **levantamento, análise e interpretação e integração dos dados**, até o momento, o psicólogo já possui um acervo de observações que constitui uma amostra do paciente durante as sessões. Com isso, se faz pertinente recapitular as hipóteses levantadas, tendo em mente os objetivos do exame, pois, as hipóteses são critérios da análise e seleção dos dados, enquanto os objetivos fornecem um enquadramento para a sua integração. Sendo assim, ao confirmar ou não as hipóteses, é essencial considerar o pensamento classificatório, identificar as



semelhanças e diferenças, encontrar um denominador comum, excluir as alternativas menos verossímeis e recorrer à teoria (CUNHA, 2007).

A próxima etapa é o **diagnóstico e prognóstico**, é o momento em que o profissional irá se posicionar perante os resultados, isto é, responder as perguntas iniciais com base na análise dos dados. Como também se faz pertinente conferir cuidadosamente os critérios e as características do caso com outros transtornos e usar eles para excluir a possibilidade de outros diagnósticos e explicações. O prognóstico consiste em o conhecimento ou juízo antecipado baseado no diagnóstico, ou seja, é a predição de como a doença do paciente irá evoluir com o passar do tempo, qual a expectativa do caso e quais são as chances de remissão dos sintomas (CUNHA, 2007).

Por fim, a última etapa é a **devolução**, momento em que será comunicado formalmente as conclusões obtidas ao solicitante, seja por meio oral ou escrito. O psicólogo seleciona as informações pertinentes aos motivos do encaminhamento, assim, a estrutura do laudo segue os padrões estabelecidos pelo serviço solicitado (CUNHA, 2007).

O Psicodiagnóstico Tradicional descrito por Ocampo, Arzeno e Piccolo (1979/1986, apud BARBIERI, 2010) foi o mais difundido na América Latina, começou visando localizar sinais de patologias específicas de acordo com protocolos dos testes, com o crescimento do psicodiagnóstico foi necessário utilizar conceitos psicanalíticos para a interpretação do material produzido pelo paciente.

No entanto, a incorporação de teorias psicanalíticas não foi aceita por todos, pois para haver essa aceitação foi preciso aceitar condutas do paciente que muitas vezes eram incompatíveis com a atitude necessária para responder aos instrumentos do exame. Dessa forma, foi necessário distinguir o setting avaliativo do terapêutico, em que não cabia ao setting avaliativo fazer intervenções e os psicólogos que tentavam aproximar os dois settings não eram bem vistos (BARBIERI, 2010).

Contudo, Cunha, Freitas e Raymundo (1986, apud BARBIERI 2010) sintetizaram o conceito de Psicodiagnóstico Tradicional descrito por Ocampo, Arzeno e Piccolo, a qual foi definida

(...) como um processo temporalmente limitado, que emprega métodos e técnicas psicológicas para compreender os problemas, avaliar, classificar e



II Congresso INTERNACIONAL Psicologia FACULDADE AMÉRICA

prever o curso do caso, culminando na comunicação dos resultados. Ele teria um caráter científico porque parte de um levantamento prévio de hipóteses, a serem confirmadas ou não por passos predeterminados, e seria estabelecido tão logo as entrevistas permitissem levantá-las. Ele teria como objetivo conseguir uma descrição e compreensão profunda e completa da personalidade do paciente, visando explicar a dinâmica do caso no material recolhido, integrando-o num quadro global para, a partir daí, formular recomendações terapêuticas (BARBIERI, 2010).

Para alcançar os objetivos citados acima é necessário seguir alguns passos, sendo estes:

A entrevista inicial que poderá ser menos diretiva e formal de acordo com o objetivo final, a aplicação de testes que deverá conter testes projetivos e uma sequência de acordo com o aspecto avaliado, a entrevista devolutiva, onde poderá ser feitas intervenções, contudo não é o recomendado, e caso necessário, o encaminhamento com uma redação de informe para o profissional remetente (BARBIERI, 2010).

Já a prática do Psicodiagnóstico Interventivo foi sistematizada nos anos 1990, mas já fora mencionada em 1935 quando surge o debate do uso do TAT (Teste de Apercepção Temática) na psicoterapia. Logo depois, é sugerido o teste TRO (Teste de Relações Objetivas) acompanhado por perguntas, assinalamentos e interpretações. Existem diversas maneiras de realizar o Psicodiagnóstico Interventivo, com diferentes referenciais teóricos e instrumentais (BARBIERI, 2010).

O Psicodiagnóstico Interventivo abordado é referencialmente psicanalítico da compreensão da personalidade, instrumentalizado pelas técnicas projetivas e entrevista clínica, sendo melhor delineado nos anos 2000. O psicodiagnóstico interventivo é descendente do psicodiagnóstico compreensivo que abrange dinâmicas intrapsíquicas, intrafamiliares e socioculturais como forças de interação, formando uma teia que pode resultar em sofrimento e desajuste (BARBIERI, 2010).

No psicodiagnóstico interventivo o conhecimento ocorre através da relação terapêutica, ou seja, a partir da interação entre psicólogo-paciente, onde o psicólogo interpreta as informações e materiais apresentados pelo paciente, e este irá processar se aceitará ou rejeitará, dando assim uma devolutiva ao profissional, que irá revisar sua interpretação. Esse processo ocorre durante todas as sessões, e permite com que o paciente faça parte de seu próprio tratamento (BARBIERI, 2010).



Um grande diferencial desse processo interventivo é que as sessões não são definidas após o primeiro contato com o paciente, e sim, ao longo do tratamento, visto que ainda o início do diagnóstico não é o momento mais importante e nem divisor de águas do tratamento do paciente, mas sim uma tarefa entre outras (BARBIERI, 2010).

Conclusão

Portanto, conclui-se que o psicodiagnóstico é um processo científico pautado em um conjunto de técnicas, procedimentos e testes com a finalidade de identificar aspectos psicológicos do sujeito. Com isso, o psicodiagnóstico, diferente da avaliação psicológica, sempre busca utilizar das hipóteses levantadas para se alcançar a melhor estratégia de tratamento para os pacientes. Assim, pode-se afirmar que o psicodiagnóstico é pautado em métodos e instrumentos determinantes para uma avaliação psicológica completa e eficaz. Por fim, o psicodiagnóstico interventivo se deriva do psicodiagnóstico tradicional, desse modo, o modelo interventivo surge trazendo mudanças significativas para a prática psicodiagnóstica atual.

Referências

BARBIERI, Valéria. **Psicodiagnóstico tradicional e interventivo: confronto de paradigmas?**. Psicologia: Teoria e Pesquisa [online]. 2010, v. 26, n. 3, pp. 505-513. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000300013>>. Epub 20 Dez 2010. ISSN 1806-3446. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000300013>. Acesso em: 22. ago. 2022.

CUNHA, Jurema Alcides et al. **Psicodiagnóstico – V. 5. ed. e ampl.** Porto Alegre: Artmed, 2007.

RIGONI, Maisa S.; SÁ, Samantha Duburgas. O processo psicodiagnóstico. **Psicodiagnóstico**. Porto Alegre: Artmed, p. 47-60, 2016.